

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Monumento a V. Hugo.....	A REDACÇÃO.
Politica e politicos.....	PETIT-PITT.
Soneto a premio.....	
Aqui, ali, acolá.....	ALFINETE.
Gazetilha Litteraria.....	
A vida elegante.....	LORGNON.
Dadiva.....	V. MAGALHÃES.
Os dois Leitões.....	U. D.
Conselho a jornalistas.....	F. SARCEY.
Mors Sancta.....	J. SARAIVA.
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Voltaire e Huber.....	
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Theatros.....	
Phalena.....	A. MENDES.
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Aos Srs assignantes do primeiro semestre (vencido a 30 de junho) que ainda não nos enviaram a importancia d'essa assignatura, avisamos que em 1º de setembro suspenderemos a remessa da folha, se até lá não tiverem satisfeito o seu debito.

A SEMANA

Rio, 29 de Agosto de 1885

A nossa folha vae-se tornando pequena ante a abundancia de *originaes* que dos seus collaboradores, brasileiros e portuguezes, diariamente lhe são remetidos.

E' por isso que, a contragosto do seu director, vê-se *A Semana* forçada a demorar a publicação de não poucos artigos e composições de varios generos.

Assim é que ainda neste numero não nos foi possível inserir a terceira das «Cartas de um chinez no Brazil a um brasileiro na China», que tanto agradaram.

Temos, além d'ellas, na caixa dos «Originaes» dois soberbos contos de Galpi —o applaudido e modesto auctor das «Narrativas brasileiras»; *Em wagon*, magnifica nota de viagem de Monteiro Ramalho; estudos criticos de Teixeira Bastos sobre poetas brasileiros; e versos inéditos de Joaquim de Araujo, Antonio Nobre, Coelho de Carvalho (poetas portuguezes) e de Luiz Del-

fino, Luiz Murat, Henrique de Magalhães, Filinto de Almeida, Alberto de Oliveira, Alfredo de Souza, e de outros distinctos collaboradores.

O bello soneto que hoje publicamos sob o titulo — *Mors Sancta*, assigna-o João Saraiva, um jovem poeta portuguez que vae brevemente estrear com as *Serenatas*. Pela pequena amostra que hoje damos podemos augurar-lhe esplendido successo.

Temos tambem o prazer de annunciar que no proximo numero, ou no seguinte, publicaremos uma polka original da distincta pianista D. Maria Eufrosina da Cruz Almada, e em um dos numeros de setembro daremos o promettido retrato de Gonçalves Dias pelo processo photo-zincographico, recentemente descoberto nesta côrte, e que por nós foi contractado com os seus inventores.

Graças a esse processo esperamos poder adornar frequentemente as paginas d'*A Semana* com retratos e caricaturas, quer originaes, quer copiadas. Isto prova mais uma vez que se não descuida esta folha um só instante de melhor servir os seus assignantes, melhorando continuamente.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Emfim, não ha remedio senão escrever a historia da semana. Consultemos, tudo para bom fim, a montanha dos jornaes diarios. Estes sete dias são os sete peccados mortaes, a que nós temos de enfiar uma bombacha, calçar uns burzeguins, pôr um morrião e atar uma espada, para transformal-os nos sete infantes de Lara e fazel-os correr mundo, expondo as louçanias dos seus atavios e mostrando o denodo dos seus animos fortes nos prelios da semsaboria fluminense.

E tudo isto aqui na esquina, na sexta-feira, pela manhã, quando o estomago tem aspirações, e vê, num horizonte longinquo, entre nuvens roridas, desenhada vagamente a imagem querida e appetecida do bife redemptor... sob uma chuva de *petit-pois*!

Interroguemos, soffregos de velhas novidades, o Sr. infante D. Domingo, que no batalhão de Agosto dá pelo n. 23.

Este infante D. Domingo é o mais desageitado dos sete irmãos e sempre se mostrou avesso á elegancia, desde que se meteu em fatiota nova e se tornou protector da nobre classe caixeiral. Usa cravo ao peito, passeia a horas certas, traz sempre guarda-chuva, embria-

ga-se de quando em quando, faz um barulho medonho nos theatros, é inimigo rancoroso do Sr. conde Aritoff e de todo o corpo diplomatico, dá o cavaco pelas *matinées*, odeia os bailes, ama os passeios ao campo, gosta das reuniões em familia, paga os seus rões ás lavadeiras e anda sempre na pandega. Incorrigivel, incoercivel, e, no emtanto, o mais alegre da casa de D. Semana, a bem anada filha de D. Mez e netta de D. Anno — o descendente da antiquissima familia dos D. Seculos, fundadores da casa e oriundos do velho deus Tempo, cuja origem se perde na immensa treva da mythologia helenica.

Interrogado, D. Domingo responde-me contando a historia tragi-comica (E' o seu genero) do italiano Francisco Giuseppe Amoretti di Clementi que no palacio do mano Sabbado deu um escandalo enorme, tentando contra a vida de Maria Luiza de Jacob, joven de 18 annos, a quem entretanto queria ajudar a viver.

Repellido pela dona dos seus suspiros, Clementi disparou-lhe um tiro de revolver, sem contar com o terrivel Leite Borges, um subdelegado benemerito e levado da bréca, que lhe deitou os gatazios e lavrou o auto de prisão. Diz-nos tambem D. Domingo que Amoretti é *casten*, que o que queria era obter dinheiro de Luiza; mas que vai ser deportado para a ilha das Cobras, onde comerá o pão negro de Sparta — se o padeiro fiar.

Este infante disse-me tambem que tem continuado na imprensa a discussão entre o proprietario da egua *Icaria* e outros socios do Jockey Club; mas que já o aborrece semelhante questão, que ameaça transformar o Rio de Janeiro em Rio das Eguas, o que seria um alegrão para o Zama.

Nada mais nos contando D. Domingo, passamos a interrogar D. Segunda-feira e os demais membros da familia de D. Semana.

Eis o que nos respondem:

— Que foram noneados: Para presidente da provincia do Rio o Sr. conselheiro Antonio da Costa Pinto Silva; para 1º vice-presidente da Bahia o Dr. Aurelio Ferreira Espinheira; que chegaram da Europa os Srs. Visconde de Carapebús, o joven pintor Decio Villares e o Dr. Silvino de Almeida; que o Sr. Barão de Mamoré, ministro do Imperio, em vista do desenvolvimento e gravidade do cholera na Europa, expedio aviso á Camara Municipal recommendando a mais rigorosa observancia das posturas que se referem á hygiene publica e particular.

Publicou-se o seguinte telegramma do Dr. Ennes de Souza, que se acha em Ilhéos, Bahia:

« Em viagem de estudos á Cachoeira, em companhia de lavradores e negociantes, fomos agredidos com tiros de garrucha e espingarda aos gritos de — vivam os conservadores. Um tal João

Amorim, que capitaneava os capangas, é o principal responsável. Peça providências.»

Tranquilise-se o Dr. Nunes, porque os conservadores não estarão muito tempo no poder: Numa reunião de *espiritistas* da capital de S. Paulo, invocado o padre Teixeira, declarou pelo *medio* que a situação conservadora cahirá a 13 de Maio de 1889.

Consolemo-nos, consolemo-nos!

— Victima de uma apoplexia fulminante, falleceu em sua residencia, em S. Domingos de Nitheroy, o Sr. Conselheiro Manoel José de Freitas Travassos, ministro do Supremo Tribunal de Justiça e veador de S. M. a Imperatriz.

— Foi no dia 26 publicada a seguinte noticia:

«A emigração, chinesa repellida pelos Estados-Unidos, está procurando entrar no Mexico, pelo porto de Mazatlan.

A imprensa e a opinião publica levantam-se com a maior energia, pedindo em altos brados as medidas adoptadas nos Estados-Unidos.»

Que o Sr. Sinimbu e os outros defensores da immigração chinesa, leiam com attenção essa noticia e mandem vir os *coolies*, com perdão do nosso collaborador Ylang-Yang.

— Ainda no dia 26— na sessão do Instituto Polytechnico, apresentou a secção de Machinas um parecer assignado pelos Srs. Schreiner, Calheiros da Graça e Paulo de Frontin, reconhecendo que o balão diversas vezes experimentado com pleno exito, em Pariz, o anno passado, pelos capitães Renard e Kieles é, como o affirma o Sr. Julio Cesar, no officio e protesto que dirigiu ao instituto, manifesta copia do balão brasileiro, já tambem imitado com successo na Allemânia, onde os Srs. Wolff e Wells ha pouco experimentaram um balão de forma identica á do inventor brasileiro.

A secção se congratula nesse parecer com o instituto, por ver assim praticamente verificadas as suas affirmações sobre esse invento hoje adoptado na Europa.

Parabens ao Sr. Julio Cesar.

No mesmo dia, ás 11 horas, tomou posse do cargo de chefe de policia d'esta Corte o Sr. desembargador João Coelho Bastos.

Este Sr. foi um juiz tão severo quanto alentado e alto—um proceros!

S. Ex. substituiu o Dr. José Antonio Gomes, que foi um chefe de policia exemplar e energico.

— No dia 27 deixaram os cargos de 1º e 2º delegados os Drs. Brazil Silvano e Cyro de Azevedo, que prestaram relevantes serviços áquella importante repartição. Ficou apenas o Dr. Carijo, 3º delegado, a pedido do actual chefe, e enquanto não é nomeado o substituto.

—A Camara Municipal, tendo recebido diversas propostas para a execução de um quadro comemorativo da primeira libertação municipal, aceitou a do Sr. Pedro José Pinto Peres.

Para terminar, D. Sexta-feira, contou-nos a seguinte curiosidade:

«O *Figaro*, de Pariz, copiou a seguinte inscripção d'uma placa de pedra collocada na igreja de Oberemmel (districto de Trèves.)

«Quando S. Marcos nos trouxer a Paschoa, quando S. Antonio nos cantar a gloria do Pentecostes, quando S. João se apresentar na festa do Corpo de Deus, o mundo só ouvirá gritos de dor.»

«Ora em 1886, a Paschoa cahe em dia de S. Marcos, 25 de Abril. O Pentecostes cahe em dia de Santo Antonio de

Padua, 13 de Junho, e o Corpo de Deus no dia de S. João, 24 de Junho.»

Para que esta triste prophécia se realice, basta que o clero francez pague a alguns gritadores de convicções religiosas para irem gritar por esse mundo. Não será barato, mas pode-se garantir o resultado.

Ora eis ali o que me relataram os sete infantes de Lara, que para mim continuarão a ser os sete peccados mortaes e que para a formosa leitora talvez sejam as sete dores de Maria Santissima cheia de graça.

E adeusinho.

FILINDAL.

A Inglaterra é uma pocilga de devassidão. A França é um salão de libertinagem. *Pocilga, salão*, a differença está aqui.

EÇA DE QUEIROZ.

MONUMENTO A V. HUGO

A *Semana* resolveu concorrer tambem, na medida de suas forças, para o monumento que se projecta erguer em Pariz á memoria eterna do grande poeta universal.

Para esse fim dirigio-se a Redacção a todos os collaboradores da folha.

Temos recebido até ao presente as seguintes quantias:

Dr. Luiz Delfino.	10\$000
Lucio de Mendonça.	5\$000
Raymundo Corrêa	5\$000
D. Julia Lopes.	5\$000
Gaspar da Silva.	5\$000
Dr. Pedro Amerio.	5\$000
Filinto d'Almeida.	5\$000
Alfredo de Souza.	5\$000
Valentim Magalhães.	5\$000

Rogamos aos nossos collaboradores que ainda não nos remetteram a sua quota e desejarem fazel-o, o obsequio de nos a remetterem o mais breve possivel, pois temos pressa de fazer chegar á commissão central parisiense a pequena contribuição d'*A Semana*, antes que se tenha encerrado a subscripção com que o mundo inteiro vae prestar á memoria do seu poeta uma pequena homenagem da sua immensa admiração e profundo reconhecimento.

Aos distinctos escriptores a cuja collaboração tanto deve *A Semana*, agradecemos a gentileza e a solicitude com que se dignaram de acollher o nosso pedido.

POLITICA E POLITICOS

Sobre os acontecimentos politicos da semana mais do que um artigo ou mesmo mais do que vinte artigos podiam-se escrever.

Mas o paginador acaba de impor-me o maximum de quatro tiras de papel. Meu Deus! Historiar tantas e tão graves e tão complicadas cousas em quatro tiras de papel! *est-ce possible?*...

Como as lamentações só podem servir para roubar-me o pouco espaço de que disponho, abandono-as e entro em materia. Synthetisemos; synthetisemos:

No dia 24, como estava annunciado, apresentou-se o ministerio ás Camaras.

No Senado receberam-no com quatro pedras na mão os Srs. Silveira Martins e Affonso Celso. Especialmente o primeiro desfechou contra os ministros e contra a Coroa uma fuzilaria diabolica.

Um discurso notabilissimo, que deu e ainda está dando que falar e que escrever.

O *clou* d'essa violenta oração opposicionista foi esta idéa: «Do que primeiro que tudo precisamos mudar e de imperador».

Dos ministros o mais atacado por S. Ex. foi o Sr. Belisario, ministro da Fazenda.

O Sr. Affonso Celso provou ao Sr. presidente do conselho, Barão de Cotegipe, com trechos de seus proprios discursos que a sua ascensão ao poder foi violenta, anormal.

Emfim, o ministerio passou no Senado um mau quarto de hora.

Na Camara ninguem se podia metter; não havia logar para uma cabeça de alfinete, como se costuma dizer. Uma concorrência extraordinaria, muitissimo superior á lotação da casa. O recinto foi invadido; com difficuldade moviam-se os *tachygraphos*; muitas das cadeiras foram occupadas por humildes filhos do Sr. José Poyo. Era de ver a *pose* pavonesca com que elles se impertigavam na sua posição de *deputados* por algumas horas.

A impaciencia era enorme. Emfim, quasi as duas horas da tarde, fez sua entrada o ministerio. O Sr. de Cotegipe tem uma serena e distincta figura de diplomata. Os Srs. Prado e Alfredo Chaves são dois bellos cortes de ministros, alentados, altos, mas principalmente muito barbados.

A figura mais fraca, mas não a menos sympathica é a do Sr. Junqueira, que, ao que parece, não gosa infelizmente saude perfeita.

Se o Sr. Belisario fosse um pouquinho menos baixo mais se elevaria na pasta da Fazenda.

A sessão foi inferior ao que se esperava.

O Sr. de Cotegipe tratou a Camara com a disfarçada insolencia e o picante sarcasmo de um triumphador diplomatico.

Os apartes irritaram-no.

S. Ex. teve um dito de espirito, dizendo aos apartistas:

— VV. E. Ex. estão perdendo o tempo que têm para me atacar.

O discurso do Sr. Maciel, que falou em nome dos liberaes unidos, foi mais academico do que outra cousa. Foi muito infeliz referindo-se ás *reformas liberaes*. Ministerio, opposição e galerias desataram a rir. O Sr. Nabuco falou com a costumada eloquencia.

O programma do Sr. de Cotegipe foi curto; apenas isto:— economias, verdade nos orçamentos, desenvolvimento da immigração no espirito da lei de 1850 e... mais não disse.

Quanto á questão servil, reserva-se o ministerio para expender o que pensa a respeito quando voltar o projecto 12 de Maio á Camara. Por enquanto... nem pio.

O Sr. Maciel apresentou uma moção de desconfiança, assignada por 55 deputados liberaes; moção que so poud ser votada na sessão do dia 26. Foi approvada por 63 votos contra 19.

Este facto obrigou o Sr. de Cotegipe a ir pedir o decreto de dissolução a S. M. o Imperador. Sua Magestade fez convocar o Conselho de Estado pleno; o qual, reunindo-se ante-hontem, optou pela dissolução.

Em seguida contereenciou o ministerio com S. M. o Imperador, que, conformando-se com o parecer do Conselho de Estado, concedeu a dissolução.

Hontem não houve sessão.

Haverá hoje, sabbado?

Quem o sabe? Os liberaes a esta hora já devem ter resolvido se concedem ou não concedem as leis de meios ao governo.

Até hontem acreditava-se que não.

Mas... *souvent député varie...*

PETIT-PITT.

SONETO A PREMIO

(Vide ns. 28, 31 e seguintes d'A semana)

Sobem ao numero de 35 os sonetos que temos recebido ate esta data.

Durante a semana vieram-nos ás mãos os dos Srs. D. Augusto Balthazar da Silveira, Francisco de Serpa, Antonio Coelho, Jorge Sentarini e Vicente Minello. Sob estes tres ultimos pseudonymos occultam-se os nomes de poetas conhecidos.

O prazo de recebimento encerrar-se-á no dia 11 de Setembro proximo.

O sublime e o delicado são como as montanhas muito altas e os grãos de areia muito pequenos, que a multidão não pôde apreciar á vista desarmada.

GUSTAVO DROZ.

AQUI. AHI. ACOLÁ...

Segundo uma recente estatística da prefeitura do Sena ha em Paris—63 egrejas, 10 templos protestantes, 3 synagogas, 7 presbyterios ou casas parochiaes, 3 consistorios e 10 dependencias de edificios religiosos. Calcula-se em cento e vinte milhões de francos o valor total d'esses templos, não comprehendendo o valor artistico d'esses monumentos nem o valor dos thesouros e obras de arte que encerram.

Quanto ao numero, não é muito. O Rio de Janeiro, relativamente se não tem mais... não tem menos.

Ahi está um trabalho para um curioso em disponibilidade: contar as egrejas da Corte.

Victor Hugo era dos taes (por signal que são muitos esses taes) que têm ogreza supersticiosa ao numero 13; para o que tinha certas razões.

Esse infeliz numero tem sido tambem fatal á familia de Orleans. No dia 13 de Julho ultimo celebrou ella o anniversario da morte do duque d'Orleans na estrada de Neuilly. O poste da estrada junto do qual cahiu o principe tem o n. — 13.

Foi num dia 13 que atiraram sobre o duque d'Aumale. Foi num dia 13 que foi ferido o duque de Berry. Foi num dia 13 que morreu o principe de Condé. Fernando d'Orleans morreu num dia 13 e nesse mesmo dia o duque de Bordeaux quebrou uma perna.

Cautela, senhor conde d'Eu, cautela com o numero 13. Não se esqueça V. A. do que tem acontecido aos seus desditosos e illustres parentes.

Victor Hugo devant l'opinion é o titulo de um livro recentemente publicado em Paris, contendo o que de mais importante se escreveu e se disse sobre a doença, a morte e os funeraes do Mestre, inclusive as cartas dirigidas á familia, etc... Um curioso volume, que para o futuro terá o grande merecimento de uma collecção de documentos authenticos.

Não temos de nos occupar com o assumpto do livro, nem de analysar nenhuma das peças que o compoem. Além do desejo de indicá-lo aos homens de letras e a quantos Victor Hugo interesse, apenas queremos fazer uns leves reparos que nos despertou a sua leitura.

Notámos entre as innumeraveis cartas dirigidas á familia do Mestre e entre os muitissimos artigos escriptos a seu respeito a ausencia de não poucos escriptores francezes illustres, dos quaes alguns haviam sido amigos particularres do Poeta.

Entre esses citaremos Sardou, Coppée, Danalet, Dumas Filho, Goncourt, Catulle Mendès, Leon Cladel, Alberto Wolf, Arsène Housaye, Alph. Karr e outros. Sabemos que quasi todos compareceram aos funeraes; mas é estranhavel que não houvessem manifestado os seus sentimentos por escripto, publico ou particular. Tratando-se de nomes celebres não acreditamos que houvessem os seus artigos ou cartas esquecido aos organizadores deste volume.

Outro reparo interessante:

Entre os jornaes de que nelle se encontram transcripções não ha nenhum brasileiro!

Toda a imprensa da Europa—inclusive Portugal, e—parte da americana está representada neste livro—menos a do Brazil.

E' como se elle não existisse no mappa das nações!

Ah! decididamente somos muito conhecidos no estrangeiro!

Curiosa, muito curiosa a maneira porque os francezes tratam os nomes portuguezes! Não ha meio, nem sequer esperança, de que elles escrevam algum correctamente, com as precisas letras.

Inflingem-lhes horribes torturas, trucidam-os, estropiam-os barbaramente! A cousa é tal que chega a ser engraçada!

Maisuma prova d'isto temo-la na maneira porque foram copiados varios nomes portuguezes neste livro.

Aos que o não têm offercemol-os, como curiosidade.

Vão em grypho os nomes torturados. A pagina 49, assignaturas de jornalistas e jornaes portuguezes na carta de pezames a Auguste Vacquerie:

« Ramalho Ortigao, Latino Coelho, Joao de Deus, Gomez Leal, Enrique Lopez de Meudoza, David Carazzi, Julio Cezar, Machado Eca Leal, Jayma Batha, Rein Consighieri, Pedrozo, Alfonso Vargas, Gomez da Silva, Rafael Bordallo, Pinhoiro, Monteiro, Ramalho, « Correo da Nouta Redaccods » (21), Carlos Ocho, d'Avila, Jose Newton, Jose Elias, Garcia Pors, « Journal das Creancas », Cyprian Jardin, Eduardo Coelho, Gaetano Alberto, Pedro Videira, Joao Costa.

Pag. 50, de uma outra carta, escripta a Vacquerie por Carrilho Videira: « Teixeira Bratos, Charles von Hereritz. »

Pags. 232 e 233: « El Jornal do Comercio, El Correo, Correo da Manha (Correo da manha?), Correo du Manha (Correo da Manhá, leem os francezes) e etc... »

Divertido; não acham?

ALFINETE

GAZETILHA LITTERARIA

Livros novos

HISTORIA E BIOGRAPHIA

Thiers, Guizot e Remusat—Jules Simon; Edmond About (Nouvelles et souvenirs)—E. F.; Commerce de la France (1ª parte—Pigeonneau; Defense de Chateaubrun; G. Isambert; Propos de table de V. Hugo; R. Lesclide—Paris pendant la Revolution—Adolphe Schimdt (traducção de Paul Viollet).

ETHNOGRAPHIA.—VIAGENS

Les Aziliques—L. Biart; La France Transatlantique—Sylva Clapin.

ROMANCE

Jean Mornas—J. Claretie; La femme du comique—P. Lafarét; La roche aux fies—Th. de Grave; L'attentat Stomphine

—Ingues le Roux; Mes pensées—J. Roux, prologo de P. Marieton.

DIVERSOS

Le Petrole—F. Hue; Les Francais de la decadence—H. Rochefort; Narcisse Nicaise—A. Dubarry; Au Cercle—La Brière; Principes de la morale—Bausaire.

O Club Litterario Gonçalves Dias resolveu levar a effeito uma grande exposição litteraria brasileira de obras, impressas e manuscritas, quadros, jornaes, etc... Sua Magestade o Imperador prometteu proteger esta exposição, consentindo o mesmo que se annunciasse que a exposição se realisará sob os seus altos auspicios.

O nosso collaborador Aluizio Azevedo está refundindo radicalmente o seu notavel romance—O Mulato, para ser publico primeiro em folhetins e depois em livro, pelo Diario Mercantil, o excellente jornal de S. Paulo.

O Mulato d'esta edição será uma obra quasi inteiramente nova.

Em princip os de setembro apparecerá «O Flor», romance de costumes brasileiros, por Galpi.

A VIDA ELEGANTE

Está sabido que, quem quizer ouvir boa musica, deve frequentar o Club Beethoven.

Que excellente, que esplendido, que magnifico concerto, o realiado ali na noite de terça-feira!

Devem estar saudosos aquelles que, como nos, tiveram a ventura de passar nessa noite algumas horas no Club Beethoven.

Imagine o leitor que tomaram parte no concerto os Srs. F. do Nascimento, Otto Beck, Alphonse Thibaud e outros distinctos cavalheiros, cujas aptidões musicas já são bastante conhecidas.

Fez-se ouvir o Sr. Nascimento no seu delicioso violoncello, na peça de sua composição intitulada Echos de la suède.

Prolongados applausos recebeu o inspirado musico apos a brilhante execução que deu a essa importante obra musical e os espectadores, desejosos de ouvi-lo, fizeram-no tocar tres vezes, dispensando-lhe sempre mercedias palmas.

O Sr. Otto Beck não foi menos feliz na Tarantella, de Wieniansky e na Molodia, de Rubinstein.

Incontestavelmente o Sr. Otto Beck é um dos melhores violinistas que temos visto; e, nesta opinião sabemos que somos acompanhados por todos os frequentadores do Club.

Falemos agora do Sr. Thibaut.

Este pianista brevemente deve realisar alguns concertos nesta corte e então o nosso publico terá occasião de ver como se toca admiravelmente, attendendo a todas as exigencias da arte, a julgar pelo que vimos e ouvimos no Club Beethoven.

A Chopin e a Arthur Napoleão, dau o eximio pianista uma interpretação digna d'esses dois compositores.

O Sr. J. Cerrone, comquanto não tenha uma voz excellente, cantou bem duas arias para baixo e se o applaudiram lhe fizeram devida justiça.

Ouvimos uma peça de Beethoven para violino, viola, trompa, clarineta, fagote, violoncello e contra baixo, que foi executada com toda a precisão pelos Srs. Otto Beck, L. Gravenstein, P. Pezzoni, D. Taffarelli, I. Brignani, J. Cerrone e I. Goltarelli.

Em conclusão, temos a dizer que o concerto a que assistimos na terça-feira foi digno de todos os adjectivos encomiasticos de que dispõe o dictionario.

Realisar-se-á brevemente nos salões do Cassino Fluminense o quarto grande concerto symphonico. Preparem-nos para assistir a uma festa musical *comme il faut*.

Nos salões do «Club do Engenho Velho» realizar-se-á hoje o terceiro sarão concerto anniversario desta excellente sociedade.

Lá iremos comprimentar a digna e gentilissima directoria e passar algumas horas feéricas.

No proximo sabbado conversaremos sobre esta festa, que, com certeza, será mais concorrida e mais faustosa do que as anteriores.

LORGNON.

Por todo o mez de Setembro sera publicado o livro de Valentim Magalhães, intitulado «Vinte Contos», de que é editora «A Semana» que o distribuirá como premio aos Srs, assignantes de anno.

DADIVA

I

Festivo dia! Em toda parte vejo:
No céu, na terra, mostras de alegria.
Ao sol mais cedo—louro e fulgurante—
—Como labios, de amor abrindo a um beijo—
Descerra-se e biparte-se a alvadia
E tremula cortina do Levante.
Festivo dia!

II

Aves e estrellas, pedrarias, flores,
Nuvens... emfim: todas as cousas bellas,
Tudo o que ha de sublime— a Natureza
Hoje atavia e esmalta de primores,
Maravilhas creando, a offerecel-as
A ti, ó flor, que vences em pureza
Aves e estrellas!

III

Cantam as aves mais canóros cantos,
Mais alegres, mais doces, mais suaves...
Brilham os astros com fulgor mais vivo:
Nunca tão bellos como agora e tantos...
Flores e follas, roseiras e agaves
Pulsam, e, como em bello dia estivo,
Cantam as aves!

IV

«—E' uma illusão! é uma illusão amada!
Que te embriaga e cega o coração!»
Dizeis-me vós, estranhos ás caricias
E encantos d'esta data abençoada.
Falsas, por certo, para vós serão;
Mas deixae-me embalar nestas delicias:
«E' uma illusão!...»

V

Oh! não! Não mintó; é tudo verdadeiro,
Tudo real o que vos digo e pinto:
A Natureza adorna-se hoje em festa
E ha festas doidas pelo mundo inteiro.
A alegria das cousas vejo e sinto
A festejar esta mulher modesta...
(Oh! não, não mintó!)

VI

Todo o Universo hoje a festeja e aclama,
E eu, a seus pés, celebro-a em rude verso;
Eu, que sou seu senhor e seu escravo.
—Quem é, no emtanto?—E' uma mulher que
me ana,
E que eu adoro. Ao seu poder converso,
Converto ao seu poder—alegre e bravo—
Todo o Universo.

VII

E' uma rainha. No seu reino ignóto
E' soberana esta mulher, que é minha.
Nelle residem paz, amor, ventura...
Tudo rége, inviolavel, o seu voto
Nessa mansão de amor, dos céus visinha.
Esta bondosa e meiga creatura
E' uma rainha.

VIII

A'sua voz dulcissima, tão clara
E tão pura que lembra os rouxinões
Cantando em desafio á beira d'agua,
Tudo se alegra, se etherisa e aclara,
Como a um sol de continuos arreboés.
Volta, rindo, o prazer e foge a magua
A'sua voz.

IX

Quando me fita, nos seus olhos pretos,
Que têm a negra luz da marçassita,
Leio todo o poema delicioso
Do amor—que o mundo alaga de sonetos.—
Ha nos seus olhos, que a paixão agita,
A bondade, o pudor, a crença e o goso,
Quando me fita.

X

Rindo e cantando, eu hoje, alegremente,
—Emquanto olhos e mãos não vou beijando—
Venho depor-lhe aos pés, em ancia louca,
O meu amor e humillimo presente:
—Rendido ao seu olhar humido e brando—
Estes versos, que vão beijar-lhe a bocca,
Rindo e cantando.

VALENTIM MAGALHÃES.

Agosto—22—1885.

OS DOIS LEITÕES

Um chama-se Joaquim Maria da Silva Leitão. O outro foi baptisado pelo nome de Antonio Euzebio de Castro Belmonte. Não têm parentesco algum, nunca se viram; o primeiro é filho do Piauhy, o segundo nasceu no Rio de Janeiro.

Entretanto as sortes de ambos acham-se intimamente ligadas por uma serie de circumstancias curiosas e originaes.

O Joaquim Maria da Silva Leitão, homem abastado, sadio, operoso, esposo de linda mulher e pae de filhinhos rosados, synpathico, bemquisto, amavel, é hoje um pobre infeliz, sem ter aliás perdido nenhum d'aquelles predicados e sem haver absolutamente contribuido para a sua desventura.

O' felicidade humana, como és melindrosa e ephemera!!!
(Peço ao leitor que deixe passar sem protesto esta chapa de cabellos brancos; se aqui a não encaixasse adoeceria.)

A causa do martyrio do nosso Leitão é o tambem nosso Castro Belmonte, individuo que elle nunca vira, com o qual jamais entretivera relações ou negocios de especie alguma.

Leitão sofre neste valle de lagrimas somente porque Belmonte existe... Se Belmonte não existisse, Leitão seria o mais feliz dos mortaes. Porém Belmonte é gente, e Leitão passa uma vida de cachorro sem dono.

A dez passos de distancia não se pôde distinguir o Leitão do Belmonte. Semelhança espantosa, inverosimil, de que so pôde dar idéa a identidade de certos gemeos! Ambos pequeninos, rochunchudos, soccados, lustrosos, redondos; olhos de bezerro desmamado, narizito de bebé, andar de gallinha da Cochinchina, pernas de pintalegrete em namorico de esquina, voz, modo de sorrir, gestos, tudo, tudo, tudo!

Mas isto tão somente no physico, nas exterioridades.

No que diz respeito ao moral, Leitão é a completa antithese de Belmonte.

A caprichosa natureza parece que se quiz divertir, encerrando almas tão differentes dentro de envolveros tão parecidos.

Leitão dedica á honestidade e ao decoro social um culto extremo. Estremece, enrubece, vibra de indignação e de vergonha, somente ao cogitar na possibilidade de passar pela cabeça de algum scelerado o longinquo vestigio da mais insignificante suspeita sobre o seu character e sobre a sua lealdade.

Pae de familia exemplarissimo, com-

mercante de immaculada probidade, homem de habitos sãos e methodicos, elle representa o typo completo da boa burguesia, no sentido moderno d'este vocabulo.

Belmonte tambem representa um typo completo, e tambem no sentido modernissimo do vocabulo: é a flor dos *biloutras*, termo pittoresco de geringonça popular, applicado aos estroinas de vida equívoca e procedimento idem.

Ha muito tempo que se lhe desvaneceu da retentiva a lista dos seus credores, de sorte que já não sabe a quem deve nem a quem não deve.

As vezes, encontrando-se com algum conhecido com quem nunca teve negocios de dinheiro, vae-lhe dizendo, depois dos cumprimentos de estylo:

—Ainda não lhe posso pagar aquelles cobres. Mas espero brevemente estar em circumstancias de...

—Que cobres? Não me debes nada.

—Ah!... Ora! Não sei onde tenho esta cabeça!

Belmonte, filho prodigo, máu pae, pessimo marido, acabou de esbanjar o resto da fortuna nos hotéis, em corridas de cavallos, nos prostibulos, em tudo que constitue o *sport* da bohemia galante. Além disso—é escandaloso e borracho.

O martyrio do nosso Leitão começou em um espectáculo no theatre Sant'Anna. Tinham ido apreciar a *D. Juanita* elle, a senhora e dois filhos.

Já a orchestra atacára a *ouverture* da opereta, quando penetra na sala uma *horisontal* espaventosa e dirige-se para a sua cadeira, ao longo da fila onde se aboletára o Leitão com a sua gente.

Ao passar pela frente do homem, a franceza fita-o, desabotóu um d'esses pequeninos sorrisos, que são a flor da libertinagem em labios de mulher, faz um imperceptivel gesto de requintado canalhismo, gesto que trescala a essencia concentrada da mais perfeita devassidão, bate com o leque em seu rosto e diz-lhe a meia voz blandiciosa:

— *Mon petit cochon!!!*

Por mais colorido que fosse o meu estylo, não poderia pintar a surpresa, a indignação e a colera do burguez. Soergueu-se na cadeira e murmurou em voz constricta e entrecortada:

—Madama... je... moi... vous... non... parceque... vous êtes *enganée*...

D. Leitão, ciumenta como todas as esposas, sentiu pela primeira vez a vibora dos zelos alçar o collo em seu coração; o rubor, o pejo, coloriu-lhe as faces para immediatamente depois dar logar á lividez raivosa da mulher que recebe á queima roupa uma affronta ao seu amor proprio.

Fulminou-o com um olhar gravido de borrascas, teve impetos de o capitular de infame traidor da fé conjugal, mas deteve-se receiando o escandalo. Limitou-se apenas a applicar-lhe por detraz, na nadega esquerda, um beliscão...

Mas que beliscão! Um d'esses beliscões torcidos e retorcidos, de arrancar couro e cabello ao paciente, e magoar as unhas de quem os subministra.

Leitão cerrou os dentes, fechou os olhos, roncou de dor... O seu primeiro movimento foi o da repuzalia; armou os dedos e endireitou-os para as partes analogas de D. Leitão; porém estas se achavam defendidas pelas anquinhas, baluarte inexpugnavel, de encontro ao qual em vão trabalhavam os dedos do marido. (Eis aqui descoberta a tão discutida utilidade do *puff!*)

Os espectadores circumvisinhos, que sussurravam maliciosamente desde o caso da franceza, não puderam resistir ao comico da situação e manifestaram

o seu gaudío em mal disfarçada hilari-
dade.

Por sobre a cabeça do Sr. Leitão ade-
java o monstro do Ridículo, com sua
cara de sagui, orelhas de burro, azas
de urubú, pernas de saracura e corpo
de escaravelho.

A situação era intolerável.

De diversos camarotes mulheres de
má vida assestavam os binoculos para
o grupo, sorriam-se de modo eloquente
e gesticulavam dando a entender que
no incidente havia pessoa conhecida.

— Vamo-nos embora; disse resolutamente
o burguez—e sahio acompanhado
por mulher e filhos.

Ao atravessar o saguão lateral, um
individuo pergunta ao outro:

— Que sujeita é aquella que vae com
o Antonico Belmonte?

— Não sei. É a primeira vez que a
vejo.

— Ah! Sim! Ouvi dizer que elle tinha
ultimamente seduzido a mulher de um
mestre d'obras da cidade nova...

— Talvez que seja esta mesma. Pelo que
vejo, seduzio toda a familia; aquelles
dois pequenos!...

No corredor, no jardim do theatro, no
saguão da entrada, na rua do Espirito
Santo e nas portas da *Maison Moderne*, o
pobre do Leitão encontrou diversos ty-
pos que o comprimentavam, assim:

— Como vaes, Antonico?

— Adeus, Belmonte!

— Boa noite, Sr. Antonico Belmonte.

Era um sabbado. O Sr. Leitão cami-
nhava a trote curto pela rua de S. Pedro
acima, em direcção á estação central da
estrada de ferro; cada vez apressava
mais o passo com receio de perder o trem;
ia a uma pequena viagem de negocio
ao interior, urgentissima, inadiável.

Ao transpôr a rua do Regente foi visto
pelo taverneiro da esquina. Este dá um
grito de alegria, salta soffregamente por
sobre o balcão e corre no seu encalço;
chegando perto do transeunte, bate-lhe
no hombro com desplante e familiaridade
repassados de ironia insolente, e diz:

— *Old, como bai bossa incellencia, Sr.
doutori Bulmonti? Hai perto de dois annos
que nan tenho o gosto de o béri...*

O outro impertigou-se com toda a
solemnidade e retorquiu em tom de amuo:
— O Sr. está enganado. Chamo-me
Joaquim Maria da Silva Leitão, um seu
criado.

O vendilhão fitou-o, com sorriso, es-
carninho e murmurou:

— *Qudm?*

— Joaquim Maria da Silva Leitão! re-
petio o interrogado já colerico, impa-
ciente e accelerando a marcha.

Mas o importuno ilhéu poz-se-lhe na
frente e embargou-lhe o passo:

— *Nam é com essas! Conheço-te as ma-
nhas! Faz dois annos que o precuro sem o
encontrari. Mas puraim hoje nan o largo
sem que me pague o que debe.*

— Deixe-me, que perco o trem!!

— *Nam sinhori...*

— Ora mais esta! Já se vio! Lar-
gue-me com seiscentos milhões de dia-
bos!... Não lhe devo nada, não sei
quem é, nunca o vi mais gordo!!!

O toucinheiro, machacaz espadaúdo e
brutal, não se intimidou com os berros
do Sr. Leitão, e atezando-lhe o biceps
com seus pulsos herculeos, exclamou:

— *Eu sei que bocé é de força, mas nunca
tibe medo de p'lintras! Paga a conta ou
bai tudo raso!*

Leitão procurou desvencilhar-se do
seu perseguidor, mas como este o reti-
nha violentamente, arrumou-lhe o
guarda-chuva nos braços.

O outro reagio sacudindo-o como se
fosse um caniço e vociferando:

— *Caluteiro! Vandido! Vilontra!*

E atracaram-se de unhas e dentes.

Resultado final: Leitão apanhou
bordeira velha, perdeu o trem, rasgou
a roupa, e foi conduzido á estação, ao
lado do bodegueiro, no meio de uma
chusma de garotos que commentavam
alegremente o escandalo, salpicando-o
de expressões da gyria capoeiral.

— Apanhou como boi ladrão, dizia
um vendedor de balas.

— Este Antonico Bilontra parece
armazem de pancada. *Sitrudia* foi-se
metter com o Jojoca da Praia Grande,
mas quando o Jojoca cresceu p'ra elle,
o *cabra azulou bonito!*

E o mais neste theor.

O pobre homem passou quatro horas
na estação policial, e certamente lá
teria dormido se um amigo, que ca-
sualmente passara, o não reconhecesse.

O sargento da guarda jurava ser o
proprio Antonico Belmonte, e o Leitão
labutou num trabalho insano para
provar a identidade de pessoa.

Passo por alto a cabeçada e a rasteira
que certo dia o Sr. Leitão recebeu de
um *nagóá*, achando-se casualmente en-
volvido por uma malta de capoeiras,
quando tranquillamente se dirigia ao
seu domicilio.

A aggressão era destinada, como logo
se adivinha, ao seu Sozias, o qual go-
sava da reputação de ser um dos che-
fes honorarios do partido *guayamun*.

Leitão teve apenas uma costella es-
tragada.

Mas estas paginas não comportariam
uma decima parte das mystificações
e qui-pro-quos que tem amofinado o
nosso circumspecto heroe, em razão da
sua extraordinaria semelhança com o
outro sujeito.

Bastara, para conclusão, mencionar
o que lhe succedeu no ultimo saráu do
commendador Raposo.

Leitão estava no jardim, ledó, satis-
feito, haurindo o ar da noite embalsa-
nado pelo perfume das rosas e viole-
tas, enquanto lá no salão os convivas
redemoinhavam doidamente ao rythmo
electrisante de uma walsa de O'Gungl.

A falta de sentimento poetico, Leitão
absorvia-se numa doce philosophia:
pensava na vida, nas cousas, nos ho-
mens, na religião, na politica, no casa-
mento, na riqueza, na alta do cambio,
no circo de cavallinhos, no amigo Bar-
radas, no preço do bacalháu, na febre
amarella, na sorte de quinhentos con-
tos, nas gracinhas do niho, na perna
de D. Leitão, em tudo simultaneamente,
dando em resultado um devaneio extra-
vagante.

Subito ouve junto de si o roçagar da
seda de um vestido de mulher.

Sorpreso, perfila-se afim de guardar
decente compostura.

Mal tinha terminado este movimento,
sente bafejar-lhe o rosto um halito ar-
dente e delicioso.

Mão pequenina e assetinada poussa
nervosamente em seu cabelo; Leitão es-
tremece em indisivel calefrio com a sen-
sação de uns labios divinos que lhe
depoem na fronte um beijo de fogo,
murmurando em voz tremula de pai-
xão:

— Meu marido foi jogar. Podemos
dançar á vontade.

Não sei o que se seguiu.

Consta-me apenas que, á uma hora
da madrugada, o marido da bella des-

conhecida, coronel reformado dos anti-
gos fuzileiros, arrastára o pobre Leitão
a um canto isolado da casa e lhe dissera
com acento terrivel de resolução e de
colera:

— Dou-lhe oito dias para se mudar
do Rio de Janeiro. Se no fim d'este prazo
não o tiver feito, pôde considerar-se um
homem morto! D'esta vez errou o valo,
miseravel bandido!

U. D.

CONSELHO A JORNALISTAS

Ha vinte e sete annos, quando entrei
para o jornalismo, deu-me um antigo
homem da imprensa o seguinte conse-
lho, que tinha para elle o valor de um
axioma: — Não deixe nunca de fazer o
seu artigo.

Só deve haver uma razão no mundo
que o impeça de dar o artigo no dia
fixado — ter morrido. E essa mesmo!...
acrescentava elle, meneando a cabeça.

— Mas — dizia-lhe eu — se eu estiver
doente, ou, mais simplesmente: se eu
não estiver disposto, de maré, parece-
me que, a bem da minha reputação,
será preferivel não dar o artigo a dar
um artigo ruim.

— Engana-se; respondia-me. Em pri-
meiro logar, fique sabendo que não de-
vemos nunca deixar crer ao publico
que elle possa passar sem o artigo que
costumamos dar-lhe. O publico é como
você, como eu, como todo o mundo —
pois que todo o mundo é elle — o pu-
blico é um animal que tem habitos (*bête
d'habitude*).

Desde que elle se habituou a en-
contrar em certo dia, regularmente
em baixo de uma certa parte do jor-
nal tal nome de escriptor, elle des-
gosta-se á primeira vez que esse nome
lhe falta, mas da segunda vez elle
começa a perceber que o tal escriptor
já não é tão indispensavel á sua felici-
dade; da terceira ausencia elle toma
o seu partido, e se o escriptor procura
retomar a penua, faz-lhe o effeito de
um intruso.

Além d'isso, acrescentava elle, csteja
certo que por mais execravel que seja
e seu folhetim ou artigo, sempre ha de
haver entre os seus leitores algum que
o julgue a melhor cousa que você tenha
escripto em toda a sua vida; essa opi-
nião, se lh'a contrariarem, agarrar-se-
lhe-á ao bestunto para todo o sempre.
Será um fanatico que você terá arran-
jado para o resto da sua vida.

Elle lerá os outros artigos com satis-
fação crescente; e repetirá, de tempos
em tempos, aos in differentes que lhe
falarem de você: — Ah! se tivessem
lido o seu folhetim do dia tantos!...
E os outros, que não leram o tal folhe-
tim, que — felizmente — não poderão
le-lo mais, acabarão repetindo como
elle e sobre a sua palavra.

— Que folhetim! Era uma obra
prima!

E eis ahi — concluia o meu homem
— como se fazem as reputações neste
mundo. Ellas augmentam com as obras
más como com as boas; para formal-as
tanto concorrem os imbecis como os
homens de espirito.

E' assim que os velhos advogados,
quando pleiteiam uma causa espinhosa,
empregam, de mistura, sem olhar muito
para isso, tanto os bons argumentos
como os ruins; os bons conquistam os
dois ou trez juizes de bom senso e de
juizo recto; os ruins determinam os
outros. Todos — uns e outros — cum-
prem a sua missão.

Ha muita verdade nesta tirada meio
paradoxal.

Muito me tem aproveitado esse con-

selho. Em mais de um quarto de seculo que tenho escripto em tantas folhas e revistas diversas, não me aconteceu ainda nenhuma vez deixar de entregar os meus *originaes* no dia e á hora convenionada. Mesmo no tempo em que a cataracta me cobria os olhos, privando-me da ventura de ver, eu não deixei de dar as minhas tantas tiras: não podendo escrever, dictava o artigo. Eu me havia promettido não faltar: — não faltava.

FRANCISQUE SARCEY.

(Extr. das *Notas da semana* da excellente revista parisiense *Les Annales politiques et litteraires*, de 2 de Agosto de 1885).

MORS SANCTA

Na humilde cella, onde em perfume casto
O luar esbate merencorio e braulo,
Vae-lhe fugir o espirito, beijando
A negra cruz do seu rosario gasto...

Como num sonho tumular, nefasto,
Corvos que passam pela noite, em bando,
Trazem-lhe a morte livida, cortando
O fundo azul silencioso e vasto...

Em prata liquida o luar escorre
Pelo fio das tremulas espadas,
Que esgrime, ao vento, o canavial do rio...

E quando o brilho das estrellas morre,
O monge cerra as palpebras molhadas,
Levando aos labios o rosario frio...

Porto, 1885.

João SARAIVA.

(Das *Serenatas*.)

COFRE DAS GRAÇAS

A senhora M. está em conferencia com
a sua modista. Entra a creada:
— Minha ama, está ali o doutor.
A Sra. M., contrariada:
— O doutor? Mas eu não posso re-
cebel-o... Ah! dize-lhe que estou doente.

Dialogo authenticico:
Ella: —... Pois bem, convenho que
tenho alguns defeitos.
Elle: — (Com convicção) — Tem, sim.
Ella: — (Com grande surpresa) — Quaes?

Reflexão de um alfaiate no theatro
D. Pedro II:
— Muito ordinaria esta estação ly-
rica: não encontro um freguez lá de
casa.

Num exame de medicina:
Eraminador — Defina-me a — *agua*.
Estudante — A *agua* é um liquido que
serve para banhos. (Depois de uma
pausa). Ha tambem quem a beba.

BIBIANO.

CARNAVAL DA HISTORIA

CAMBONNE. — General conhecido por
uma exclamação que lhe deu a gloria.

CAMONS. — O terra-nova da poesia.
Tendo salvo os seus versos nadando, foi
aportar á Immortalidade.

CAMPECHE. — A mais productiva das
vinhas.

CAPET (*Hugues*). — Se houvesse morri lo
sem filhos!...

CAPITOLIO. — O *vis-à-vis* da Rocha Tar-
peia na contradança da popularidade.

CAPREA. — Localidade onde a devas-
sidão de Tiberio estabeleceu o seu
guarda-comida.

CARAHYBAS. — Populações que, em-

bora não civilisadas, tambem comiam
seus semelhantes.

CARDEAS. — Porque será que á sua
reunião chamam *collegio*, quando elles
se congregam em nome da ignorancia?

CARMEITAS. — Frades negociantes,
que fizeram altar de um balcão de
zinco.

No logar em que o Evangelho diz
— *Espirito Santo*, entenderam provavel-
mente — *espirito de vinho*.

CASANOVA. — Fanfarrão do vicio, a
quem se devem memorias licenciosas,
que causam desejos aos dezoito annos,
desprezo aos trinta e saudades aos
setenta.

CASSANDRA. — Predizia o futuro certo.
D'ahi não a acreditarem. Por isso o
commercio das nossas cartomantes
nada pôde temer da incredulidade.

CATHARINA DA RUSSIA. — Exterminava
os inimigos nos campos de Marte e os
amigos nos de Venus.

Na qualidade de *homem-mulher*, jul-
gava ter o direito de possuir dupla
ração de vicios.

Carão (*O antigo*). — Demonstrou com
o *Delenda Carthago* que a monomania
pode attingar ao sublime.

Carão (*D'Utica*). — Um dos raros ho-
mens que, na historia, tenham deixado
de reconhecer o direito do mais forte.

Morreu d'isso.
CAVAIGNAC (General). — Illustrou-se
mais pelo modo porque desceu do que
pelo modo por que subiu.

Fez parte do numero dos varridos
pelo golpe do Estado; mas nesse dia o
lixo estava do lado do cabo da vas-
soura.

PIERRE VÉRON.

(*Continúa*).

BELLAS ARTES

N. *Facchinetti*. — (*Leque de setim branco
pintado a gouachi. Exposição na casa Gon-
salves & C.*). — Um ponto da ilha de Pa-
quetá, limitado no horizonte pela ma-
gestosa serra dos Orgãos. Em cima um
céu extenso, brilhante de luz; em baixo
— delicadezas de um pincel minucioso
e de um talento robustecido na obser-
vação e no estudo. Nada mais.

E quanta grandeza neste panorama!
e por que impressões agradaveis o ar-
tista faz caminhar o nosso olhar!

Ao longe, na silenciosa linha do ho-
rizonte, as caprichosas agulhas, os agu-
dos dentes da Serra dos Orgãos, banha-
dos pela grande luz do sol que descamba,
derramando no espaço a vermelhidão
de seus raios como um gladiador que,
ferido, se vae arrastando, deixando na
arena o sangue quente de suas chagas.

Depois, as tranquillias aguas da bahia,
e a um lado, no plano esquerdo, uma
nesga de terra fertil, as paredes bran-
cas de uma casa, arvoredos ramalhudos
e corpos escuros de pedras. De outro
lado, á direita, em um outro pedaço de
terra, coqueiros que se alteiam, uns
esguios e direitos; outros curvos e hu-
mildes; folhagem crespa de arvores,
franjas e flores de plantas grimpautes.
No primeiro plano, por entre pedras,
pitangueiras, pequeninas e cheias,
folhas delgadas de fétos e ramagens de
lianas bravas.

Sente-se caminhar, levemente, nesse
panorama, a nossa vista. Vainos de
ponto a ponto, de passo a passo, obser-
vando os logares porque passamos, sen-
tindo o ar do logar em que nos acham-
os. O nosso espirito se extasia deante
d'essas bellezas, o nosso olhar se dilata
em frente d'esses esplendores, e, dentro
em nos, sentimos as boas impressões da
luz, da cor, do aroma, da vida. Ha no
espaço uma grande musica de descanço,
uma musica sonora e dulcissima que
ninguem sabe de onde parte, mas que

todos escutam e sentem. E esta melodia,
suave, longa, flexivel, delgada, subli-
me, vai suspirando na vastidão do céu,
na tranquillidade das aguas, no remanso
das florestas. A proporção que passam
as suas notas, desfolham-se as rosas,
emmurchecem as margaridas, dormi-
tam os cravos e morrem as sempro-
vivas.

Este pequeno pedaço de setim, que ali
eu vi exposto, vale com certeza uma
tôla bem acabada. Não é pretencioso
nem é descurado. É uma miniatura
cuidada, apaixonadamente feita, como
devem ser todas as miniaturas. O pincel
correu por ali vagaroso sempre, porém
sempre firme e delicado. A imaginação
do artista encheu-se d'essa symphonia
estupenda de cores que só podem ser
comprehendidas pelos talentos supe-
riores, e que encontram echo nas gran-
des almas dos artistas — abrigo das
mausas aves do ideal.

Tudo lá está cuidado — a sombra das
pedras sobre a transparencia das aguas,
o contorno das copas das arvores, o
desenho do terreno, o desenho dos ar-
bustos, os tons, as *nuances*, o volume
dos corpos. Não é possível nada mais
minucioso nem mais perfeito. A delica-
deza de Messonier e o grande toque de
Rosenthal, não produziriam cousa tão
satisfactoria em tão pouco espaço.

Mas é preciso que se comprehenda
bem o trabalho de Facchinetti, que se
o veja desprevenido de interesse por
escolas, que se saiba differenciar os ge-
neros na pintura, para não se exigir,
ali, os atrevimentos de pincel em uma
grante tēla, os arrosos dos impressio-
nistas.

Elle baixa ás minuciosidades. Quiz ser
exacto e ser agradável. Fazer peque-
nino, porém fazer fiel; mostrar interesse
pela arte e ser artista.

E conseguiu o seu desejo.

LANGEROCK — (*Retratos de Suas Altezas
os principes. Glace Elegante*). Aquelles
admiraveis fundos, pintados com tanta
independencia e elegancia, pediam mel-
hor logar.

Que uma nullidade se dedique a co-
brir photographias — admittimos; mas
que um artista como o Sr. Langerock,
abandone a sua reputação para enver-
nisar estampas, é cousa que não se pode
comprender.

Em todo caso — o mundo dá tantas
voltas...

ROCHA FRAGOSO (*Retratos a oleo. Glace
Elegante*). Recommendo ao Sr. Fragoso
que abandone os pinceis e descanse um
pouco dos seus affazeres... A persis-
tencia em um trabalho para o qual não
temos geito é sempre fatal.

ARTHUR FERREIRA — (*Retrato de mon-
senhor ... Casa Mourada*). Com certeza
o Sr. Arthur Ferreira abandonou muito
antes do que devia a Academia de Bel-
las-Artes.

Faria muito bem se voltasse á aula
de desenho.

ALFREDO PALHETA.

THEATROS

No Sant'Anna teve logar segunda-
feira o festival organizado pela *Revista
Theatral* para commemorar o passa-
mento do genial actor brasileiro João
Caetano dos Santos.

Alguns dos nossos mais conhecidos
artistas, Duse-Cecchi, Flavio Ando e
Rossi, da companhia italiana, tomaram
parte nessa festa que, para falarmos
com franqueza, não pudemos apreciar
devidamente, porque nos mandaram

uma cadeira da letra K e havia muito sussurro na platôa.

Principalmente a comedia de Alexandre Dumas — *Une visite de nocce*, nos passou quasi que despercebida, tal era a distancia que nos separava do palco e a falta de silencio que havia ao representar-se a primorosa comedia, em cujo desempenho, são inexcitáveis Duse, Ando e Rossi.

Quanto ás decorações do theatro, achámo-las bem preparadas e o quadro allegorico final não foi de máo effeito.

Houve grande concorrência.

É isto sómente o que temos a dizer e podiamos, no entanto, ser mais extensos: como ficámos, porém, mal collocados...

Muito gentis os organizadores da festa!...

Foi na quinta-feira o beneficio do notavel actor Cesare Rossi, director da companhia italiana, com a segunda representação da *Odette*, de Sardou.

Da peça e do desempenho já nós falámos.

Resta-nos dizer que o beneficiado foi muito applaudido, que recebeu varios presentes e que o theatro estava cheio, com uma sociedade escolhida e brilhante.

Parabens ao provector artista.

Jaques Perrin, o administrador da Comedia Franceza é provavel que a estas horas haja fallecido.

Ao passo que se aggravava o seu mal, augmentavam as intrigas e manejos para a substituição do pobre enfermo no seu honroso e rendoso logar de director da Comedia. Nesses manejos e intrigas, como em tudo, muito tem influido a politica e será ella naturalmente que decidirá. Os dois candidatos mais garantidos eram Jules Claretie e Henri Fouquier, aquelle sustentado por Brisson e Freycinet; este pelos amigos do Sr. Ferry.

Mas era considerada certa a nomeação de Claretie, o fecundissimo, o inextinguível escriptor.

Na Comedia Franceza deve ter entrado em ensaios a nova peça de Richpin *Monsieur Scapin*, destinada a um grande successo.

Será representada logo depois do drama de Deslandes *Antoinette Rigaud*.

Chamillac, o novissimo drama de Feuillet, deverá subir á scena em Janeiro do anno vindouro.

Coquelin, graças ao pedido de Claretie, o apontado successor de Perrin na administração da Comedia Franceza, adiou a sua projectada excursão pela America; é mesmo provavel que desista de fazel-a.

A nova peça em verso de Coppée — *Les Jacobites* — será representada em Setembro proximo.

O seu primitivo nome era — *Les derniers Stuarts*.

No Hippodromo de Pariz tem tido brilhante carreira a pantomima comica *Au Congo*, cuja encenação é magnifica.

—

Não me falem da Multidão. É um excellente boi para puxar um carro, mas incapaz de o conduzir. Este boi não tem a consciencia da sua estupidéz, e é este o seu poder. Quando está puxando com mais força, sob o peso da canga, é exactamente quando imagina triumphar com mais brilho.

GUSTAVO DROZ.

PHALENA

(A SOARES DE SOUZA JUNIOR)

Linda phalena azul na immensidade ascende,
As vezes lentamente e apressurada ás vezes;
Nenhum olhar a ve, nenhum olhar a prende
Talvez; e o mundo, a vida e os rigidos re-
vezes,

No entanto, esqueço ao vela ante esse im-
menso espaço...

E vale mais flitar o insecto em tal subida,

Do sol do meio dia ao tepido mormaço.

Do que lembrar o mundo, os reveses e a
vida

ARTHUR MENDES.

FACTOS E NOTICIAS

Veio ante-hontem ao nosso escriptorio o Sr. Dr. Cyro de Azevedo communicar-nos que se havia demittido do logar, que tão dignamente occupava, de 2º delegado de policia.

Durante o espaço de tempo que o Dr. Cyro desempenhou esse espinhoso cargo, tivemos occasião de notar que a policia muito lucrôu com relevantes serviços que por elle lhe foram prestados.

A policia teve uma grande perda.

Nos é que lucramos, porque o Dr. Cyro de Azevedo vai de ora em diante, pois que dispõe de tempo, occupar de vez em quando as columnas d'*A Semana* com a sua collaboração.

Enviamos os vossos pezaumes á po-felicia. E a policia que nos felicite.

No proximo dia 1 de Setembro a casa do nosso prezado collaborador Dr. Henrique de Sa vai se adornar e illuminar alegremente em dupla festa. Nesse dia festejarão o Dr. Sa e sua Exma. esposa o anniversario do seu filhinho mais velho e o baptizado do mais novo. Felicitemos-os cordalmente.

Ante-hontem assumio o exercicio do cargo de chefe de policia da Corte o Sr. Desembargador João Coelho Bastos, despedindo-se nessa occasião de todos os empregados o ex-chefe Desembargador José Antonio Gomes, que foi por elles e pelo seu digno successor acompanhado até ao carro. O Sr. Desembargador Gomes foi um chefe de policia como poucos: rigoroso sem injustiça nem grosseirias, bondoso e affavel sem fraqueza nem parcialidade, assiduo e laborioso. Não são demais os elogios que lhe tem feito a imprensa. Fora injustiça não juntar nelles ao nome de S. Ex. os dos Drs. Brazil Silvano e Cyro de Azevedo, que deixam nome honrosissimo nos annaes das delegacias da Corte. Ambos merecem louvores pelo muito que fizeram em prol da ordem e da moralidade da capital; mas especialmente o Dr. Cyro se tornou notavel pela feroz e infatigavel perseguição que se envolveu contra as casas de tavolagem e outras patifarias congeneres.

Ficou no exercicio das tres delegacias o digno 3º delegado Dr. Moura Carijo até que sejam nomeados os novos delegados. Fala-se que serão nomeados os Drs. Ferreira Viauna Filho e Silva Nunes Filho. Nada sabemos quanto ao terceiro.

QUE CHÁ PRETO

O Sr. Manoel Garcia, proprietario da Ioja do Japão, um importante estabelecimento de chá, cera, sementes e plantas, na cidade de S. Paulo, obsequiou-nos com duas latinhas de excellente chá

preto da afamada *Companhia Colonial* de Pariz. Dar idéa do delicatissimo sabor e finissimo aroma d'este chá, cousa é superior á intelligencia do homem, pois que a palavra humana empallidece diante da excellencia do producto!

Assim, diremos com o bardo epico: Melhor é experimental-o que julgá-lo, Mas julgue-o quem não pode experimental-o.

Congratulamo-nos com a Paulicéa por ter um negociante que tanto se importa com a felicidade do seu povo, e agradecemos ao Sr. Garcia o delicado presente

Realison-se na sexta-feira, 21 do corrente o enterramento do infeliz moço, Moreira Pinto, assassinado brutalmente, conforme noticiámos, por uma malta de capoeiras na rua dos Andradas.

O infeliz era enteado do Sr. Pedro Thomaz Correia, digno contador interino do correio geral. Aceite S. S. e sua Exma. familia os nossos sentimentos de pezar.

SPORT

Mais uma corrida e com pareos bem disputados realisou no domingo ultimo o importantissimo Club Athletico Fluminense.

Umás *elegantes* de Botafogo que vieram com este vosso criado no mesmo bond, temiam que a concorrência fosse deminuta.

Ora! — dizia uma d'ellas confirmando o que as outras tinham dito, — com certeza não de estar muito frias. Ha tanto divertimento hoje! Além d'isso corridas no *Jockey-Club*... E, voltan-to-se para um velho de oculos de ouro que vinha a seu lado lendo attentiosamente a chronica da *Gazeta*, — papai andaria melhor se nos levasse para o *Jockey-Club*, muito melhor!

Estas *elegantes* foram ainda, por felicidade d'este vosso criado, pois eram bonitas e tinham uns olhos!... minhas companheiras no bond do *Club Athletico*.

Ao transpormos a entrada do *Club* a admiração foi geral. É que a concorrência era muito grande.

As archibancadas estavam replectas do que ha de mais fino e gentil em nossa sociedade. Exhibiam-se alli vistosas e ricas *toilettes* dignas de serem aqui lembradas, mas como nos falta espaço, apenas damos parabens ás tentadoras moreninhas que se apresentaram trajando vestidos simples mas de muito bom gosto e chapéus á pastora. Destacamos de entre estas a que trazia um chapéu de linho. Como estava original! Ah! excellentissimas, se as vossas colleguinhas se apresentassem assim nestas reuniões e não com *toilettes* cheias de enfeites e *pesadonas*, embora destumbrantes, não seria melhor e mais *chic*?

Em baixo, margeando o gradil da raia de corridas, viam-se sorridentes mancebos vestidos á ingleza e abrigados á sombra dos seus guardas-sol. É que o rei-astro entendeu n'aquelle dia applicar á terra, não um canstico de brazas, como disse um poeta de além-mar, mas um sinapismo.

A'hora marcada, principiaram as corridas.

Os premios eram na maior parte escolhidissimas joias. Que tentação! Ah! se eu fosse o Bargossi!...

Houve muita ordem no movimento de *poule* e as corridas terminaram ás 6 horas da tarde.

Este club de dia a dia mais consolida os seus cre litos de boa sociedade, e é hoje um dos melhores centros de diversão que temos. Aceite a sua directoria as nossas felicitações.

LUVARIA PARISIENSE

Os Srs. Martins Torres & C., proprietarios da importante fabrica de luvas da rua da Uruguayana n. 66, enviaram-nos dois bellos cartoes-annuncios do seu estabelecimento e mostraram-nos diversas amostras de bella pellica.

A *Luvania Parisiense*, além de ter um lindissimo sortimento de luvas de pellica, *peau de Sued*, de camurça, de fantasia e de seda, executa qualquer encomenda em 2 horas, o que é de grande vantagem para um aperto... de luvas.

TRATOS Á BOLA

Atiraram-se aos *tratos* ultimos os Srs. *Melodias, Joãozinho, Pépe, Martinho d'Ara, Nemo, Fricinal Vassico, Cajú, Josephina B, D. Mãe Benta, Avelis e Valerius Madilena.*

Acertaram os Srs. *Melodias, Joãozinho, e D. Mãe Benta.*

O Sr. *Martinho d'Ara* mandou-nos as decifrações em um soneto que não publicamos porque não acertou com uma das telegraphicas. O Sr. *Pépe* pede que lhe expliquemos como se decifram as telegraphicas. É procurar o n. 5 d'A *Semana*: nelle encontrará a explicação.

Abiscoitou; o primeiro premio o Sr. *Melodias* e o segundo o Sr. *Joãozinho.*

Eis as decifrações: Das telegraphicas — *Calote e Mario*, da em quadro—

Cova
Odor
Voto
Aros

da calimbarguesca — *Miasma*; das novissimas — *Thesouro e Relogio* e da quebra — *cabeças — Campinas.*

Para hoje temos os seguintes *tratos*:
NOVISSIMAS

1—1— Anda a roda este deus patusco.
1—3— Esta proposição é vesicatorio no discurso.

TELEGRAPHICAS

3— Amóra é um oculo.
3— Capota é da parede.

CALIMBURGUESCAS

Qual o homem que se respira nos palacios?

PROVERBIO-ENYGMA

Na ausencia de luz—de—duro—deixa
(1—2) 2
com vida— reptil. Fanfarronaça.

QUEBRA-CABEÇAS

Augusta, Ursula, Silvana, Raposo, Guimar, Ernestina, Martins, Irene e Arabella.

Formar com as iniciaes d'estes nomes, postos em columna, o nome de uma cidade portugueza.

ENYGMA ALPHABETICO

	S	M			
	1	1			
A	B	O	E		
3	1	3	1		
L	T	N	C	R	I
4	1	1	3	1	1

Formar com estas letras, empregadas tantas vezes quantas os algarismos designam, o nome de um distincto escriptar portuguez.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador as *Fanfarras* de Theophilo Dias; e ao segundo um exemplar do *Holocausto.*

E até sabbado, carissimos *tratistas.*

D, PASTEL.

RECEBEMOS

Revista de Guimarães — (Portugal) Vol. 11 Tem a data de 3 de Julho de 1885. Esta revista é publicada pela Sociedade *Martins Sarmiento*, promotora da instrucção popular no conselho de Guimarães.

— *Poesias* de Antonio H. de Casaes (Bahia). Mais tarde daremos nossa opinião na secção competente.

— *Teimosa* — Polka para piano composta por Alfredo José dos Santos.

— *Cartas a Sua Magestade o Imperador* por *Um desconhecido*. Vamos lê-las.

— Um convite especial para as corridas que o *Derby Club* realisa amanhã.

— Um cartão do *Lyceo Litterario Portuguez* para assistirmos á sua sessão solemne.

— *Metralhas*, versos abolicionistas por Costa Filho (Recife)

Vamos ler e depois conversaremos.

— *A Estação* — Anno XIV n. 16. Jornal de modas. Traz bellissimos figurinos. No texto encontramos um primoroso soneto de *Leconte de L'Isle*, traduzido a primor pelo nosso illustre collaborador *Raymond* do *Correia.*

CORREIO

Sr. *Pedro Ferreira de Oliveira*. — As suas quadrinhas *Eu amo* estão pedindo publicidade, e como não temos espaço, publicamos só estas duas que são deliciosas:

Amo da noite as estrellas
Scismando nos meus amores;
As flores da mocidade
E os meus sorrisos em flores!

Amo o terno passarinho,
Como signal de pureza!...
Amo a prece a oração,
Que envio ao Deus de grandeza.

Sr. *Afonso Guimarães*. — O seu soneto *cedo fica* na sala de espera.

Sr. *C. F. de M. Filho* (S. Paulo) Attendida — a sua reclamação.

Logo que haja espaço daremos á luz os seus *dois astros*. Dar *astros á luz!* — veja o Sr. ao que nos obrigou com o seu soneto!

Sr. *D. M. Zelina Rolim*. — Brevemente sairão na *Collaboração* as suas quadrinhas.

Sr. *João Aranha*. — O seu soneto *Noite de Inverno* apparecerá brevemente na *collaboração.*

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Con. sultorio: — rua Primeiro de Março, 22. de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia: — rua de S. Pedro, 294.

Portuguez, franceze e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

DR. F. PESSANHA
CLINICA MEDICA

CHAMADOS A QUALQUER HORA

Consultorio e residencia

28 Qua da Alfandega 28

RECADOS—QUITANDA, 86

EXTERNATO HEWITT

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

E

COMMERCIAL

134 Rua do Rosario 134

DR. ARAUJO FILHO
MEDICO PARTEIRO

RÉSIDRNCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 30.

OBRAS

á venda no escriptorio desta
folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÉ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

traducção do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AUROSAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

traducção do poema de Longfellow,
1\$000.

TYPOGRAPHIA

A *typographia* d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de *typo* inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRITORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

AU PETIT JOURNAL
ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES
Especialidade em artigos proprios para presentes
COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ
HENRY NICOU & C.
Unicos correspondentes e depositarios nesta Corte da verdadeira
"LA SAISON" de Paris
Recobem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.
A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.
27 Rua dos Ourives 27
RIO DE JANEIRO